



**FACULDADE MARIA MILZA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

TANISE COSTA CERQUEIRA DE ALCANTARA

**REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DE PROFESSORES ALFABETIZADORES DO
2º ANO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE MURITBA: A PARTIR DO PLANO
NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA - PNAIC**

**GOVERNADOR MANGABEIRA – BA
2018**

TANISE COSTA CERQUEIRA DE ALCANTARA

**REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DE PROFESSORES ALFABETIZADORES DO
2º ANO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE MURITBA - BA: A PARTIR DO PLANO
NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA - PNAIC**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade Maria Milza – FAMAM, como requisito parcial para obtenção do título de graduado.

Orientadora: Prof^a. Ma. Maria Cristina de Jesus Sampaio

**GOVERNADOR MANGABEIRA – BA
2018**

Dados Internacionais de Catalogação

A347r	<p>Alcantara, Tanise Costa Cerqueira de</p> <p>Reflexões sobre a prática de professores alfabetizadores do 2º ano em uma escola municipal de Muritiba - BA: a partir do Plano Nacional pela Alfabetização na Idade Certa - PNAIC / Tanise Costa Cerqueira de Alcantara. – Governador Mangabeira – Ba, 2018. 47 f.</p> <p>Orientadora: Profª Ma. Maria Cristina de Jesus Sampaio</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade Maria Milza, 2018.</p> <p>1. Prática pedagógica 2. PNAIC 3 Alfabetização I. Sampaio, Maria Cristina de Jesus II. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 370.1</p>
-------	---

TANISE COSTA CERQUEIRA DE ALCANTARA

**REFLEXÕES SOBRE A PRÁTICA DE PROFESSORES ALFABETIZADORES DO
2º ANO EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE MURITBA - BA: A PARTIR DO PLANO
NACIONAL PELA ALFABETIZAÇÃO NA IDADE CERTA - PNAIC**

Aprovada em 05/07/2018

BANCA DE APRESENTAÇÃO

Orientadora: Prof^a. Ma. Maria Cristina Sampaio
Faculdade Maria Milza-FAMAM

Prof. Me. Reginaldo Pereira dos santos
Faculdade Maria Milza-FAMAM

Prof. Ma.Joana Gomes Dos Santos Figueiredo
Faculdade Maria Milza-FAMAM

**GOVERNADOR MANGABEIRA – BA
2018**

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ter me dado força e ao meu filho Ian Lucas, que contribuiu para que eu chegasse até o fim.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter me concedido a oportunidade de ingressar na Graduação.

Agradeço em especial, a minha querida mãe, Tânia Maria, que sempre me apoiou e me ajudou em todos os momentos. Ao meu irmão, Magnum Cerqueira, que mesmo distante apoia as minhas escolhas, e ao meu padrasto, Roberto Aurélio, que esteve sempre presente.

Ao meu esposo, Lismar Sampaio, que sempre compreendeu a minha ausência, sempre me incentivou, e mesmo diante de tantas dificuldades, pela qual enfrentei em toda caminhada, sempre me deu forças e acreditou no meu potencial.

Agradeço especialmente a mulher que sou uma guerreira, agraciada por Deus, pois me concedeu um filho lindo, no período da graduação, mas mesmo assim não desisti, foi um momento muito difícil, porém muito feliz, e mesmo diante de todas as adversidades, perseverarei com a força do meu Jesus e venci, chegando até o fim.

A minha amiga Laís Vilas Boas, pois desde o início estivemos juntas, uma dando forças a outra, nos momentos difíceis e nos felizes também. Ivanir Brito, Fernanda Silva e no finalzinho do semestre, Roniele sempre bom muito humor para alegrar as nossas noites.

A turma 2015.1, que sempre se manteve com um clima favorável e harmonioso.

Aos professores, em sua grande maioria, que sempre incentivaram a minha formação acadêmica.

A minha grandiosa orientadora, Maria Cristina de Jesus Sampaio, que contribuiu de forma valiosa durante todo trabalho de conclusão de curso, agradecer também a professora Elipaula Carvalho, sempre parceira e cuidadosa, e a professora Josemare, que sempre acreditou no meu potencial e no da turma.

Aos funcionários da FAMAM, sempre tão prestativos e atenciosos.

A escola a qual realizei minha pesquisa, e aos professores que viabilizaram a conclusão da mesma.

A todos, muito obrigada!

“Quem tem muito pouco, ou quase nada, merece que a escola lhe abra horizontes.”

RESUMO

Este estudo visa identificar como os professores alfabetizadores colocam em prática o processo de alfabetização e letramento a partir do Plano Nacional a Idade Certa – PNAIC. No cenário educacional atual, a alfabetização tornou-se um fato preocupante, de acordo com as avaliações do Ministério da Educação – MEC, (2012) a escola pública ainda se depara com a infeliz realidade de que muitas crianças estão terminando o Ensino Fundamental sem estarem devidamente alfabetizadas. Deste modo, ampliam-se os debates no âmbito educacional sobre a prática do professor alfabetizador em relação ao processo de alfabetização e letramento. Pois o avanço político, social e econômico de um país só acontece por meio de uma educação de qualidade. No intento de se pensar a educação e os processos de alfabetização e letramento a partir do PNAIC, realizou-se essa pesquisa qualitativa. Para alcançar os objetivos propostos, fez-se uso de instrumentos, tais como: observação, entrevista semiestruturada e diário de campo, tendo como local de investigação uma escola pública municipal na cidade de Muritiba. Para discorrer sobre o tema proposto, buscamos fundamentação em autores que discutem práticas de alfabetização e letramento, tais como: Zabala (1998) Chartier (2007) Tardif (2001) Soares (2009) Emilia Ferreiro e Teberosky (2005) juntamente com todo o material emanado pelo Ministério da Educação – MEC a formação do PNAIC. Sendo assim espera-se que através desta pesquisa, os professores alfabetizadores que fizeram e fazem parte da formação do PNAIC possam ampliar o debate sobre experiências práticas de alfabetização e letramento, entendendo esse fazer pedagógico como processos que não podem estar ausentes na efetivação de uma educação de qualidade. A partir da análise das informações obtidas nas respostas das professoras durante as entrevistas, e durante as situações observadas no momento das aulas em sua prática, constatou-se que o processo de alfabetização e letramento desenvolvido no trabalho das professoras ainda está longe de ser concretizado conforme proposto pelo PNAIC, pois a prática pedagógica na escola pesquisada ainda acontece compreendendo alfabetização e letramento de modos separados, e não como processo interdisciplinar e unívoco.

Palavras-chave: Prática pedagógica. PNAIC. Alfabetização.

ABSTRACT

This study aims to identify how literacy teachers put into practice the process of literacy and literacy from the National Plan the Right Age - PNAIC. In the current educational scenario, literacy has become a matter of concern, according to the evaluations of the Ministry of Education – MEC,(2012) the public school still faces the unfortunate reality that many children are finishing primary school without being properly literate. In this way, the debates in the educational scope on the practice of the literacy teacher in relation to the process of literacy and literacy are broadened. For the political, social and economic advance of a country only happens through a quality education. In the attempt to think about education and the processes of literacy and literacy from the PNAIC, this qualitative research was carried out. In order to reach the proposed objectives, instruments were used, such as: observation, semi-structured interview and field diary, with a municipal public school in the city of Muritiba as a research site. In order to discuss the proposed theme, we seek the foundations of authors who discuss literacy and literacy practices, such as: Zabala (1998) Chartier (2007) Tardif (2001) Soares (2009) Emilia Ferreiro and Teberosky (2005) along with all material issued by the Ministry of Education - MEC the formation of the PNAIC. Therefore, it is expected that through this research, the literacy teachers who did and are part of the PNAIC formation can broaden the debate about practical experiences of literacy and literacy, I understand this pedagogical practice as processes that can not be absent in the implementation of an education Of Quality. From the analysis of the information obtained in the teachers' answers during the interviews, and during the situations observed at the time of the classes in their practice, I found that the process of literacy and literacy developed in the work of the teachers is very far from being fulfilled as proposed by the PNAIC, because the pedagogical practice in the researched school still happens comprising literacy and literacy in separate ways, and not as an interdisciplinary and univocal process.

Keywords: Pedagogical practice. PNAIC. Literacy.

LISTA DE SIGLAS

FAMAM	Faculdade Maria Milza
MEC	Ministério de Educação
PNAIC	Plano Nacional de Alfabetização na Idade Certa
SAEB	Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 UM BREVE HISTÓRICO DA ALFABETIZAÇÃO.....	14
2.1 CONCEITO E CONCEPÇÕES DE LETRAMENTO.....	16
2.2 CONCEPÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO.....	18
2.3 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO CONTEXTO DO ENSINO FUNDAMENTAL	20
2.4 CONTEXTUALIZAÇÕES DO PNAIC – MEC.....	21
2.5 PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	26
3 REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA ESCOLA.....	30
3.1 PERFIS DAS PROFESSORAS.....	31
3.2 UM OLHAR DAS PROFESSORAS SOBRE CONCEPÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO.....	32
3.3 PRÁTICAS DOS PROFESSORES.ALFABETIZADORES.....	33
3.4 INFLUÊNCIAS DA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES ALFABETIZADORES EM SUA PRÁTICA.....	36
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS	42
ANEXOS.....	45

1 INTRODUÇÃO

No cenário educacional atual, a alfabetização tornou-se um fator preocupante, de acordo com as avaliações do Ministério da Educação - MEC (BRASIL, 2012), a escola pública ainda depara-se com a infeliz realidade de que muitas crianças estão terminando o Ensino Fundamental sem estarem alfabetizadas. Deste modo, ampliam-se os debates no âmbito educacional sobre a prática do professor alfabetizador em relação ao processo de alfabetização e letramento, pois o avanço político, social e econômico de um país só acontece por meio de uma educação de qualidade.

Quem sabe ler e escrever tem a capacidade de expressar melhor o que pensa, de comunicar-se, interpretar e posicionar-se criticamente nas diversas situações de leitura e escrita, a qual existe na sociedade, por isso, faz-se necessário pensarmos em alternativas para a melhoria de qualidade dos processos de alfabetização e letramento.

Nesse sentido, a prática pedagógica só acontece quando alfabetiza letrando, tornando o ensino aprendizagem mais significativo e próximo da realidade dos alunos. Sendo assim, para que a alfabetização dos alunos seja voltada para o letramento, é necessário que os professores alfabetizadores compreendam na prática o significado do letramento para o ensino da alfabetização e para a vida dos alunos.

Diante do contexto de distorção idade/série no processo de alfabetização dos estudantes Brasileiros, foi instituído o PNAIC (Plano Nacional pela alfabetização na Idade Certa), com os seguintes objetivos, alfabetizar as crianças até no máximo 08 (oito anos) de idade, ao final do 3º ano do Ensino Fundamental.

Para discorrer sobre esse tema, partimos do seguinte questionamento: de que forma as práticas pedagógicas de professores do 2º ano, em sala de aula, a partir da formação do PNAIC contribuem para a efetivação dos processos de alfabetização e letramento? Com isso traçou-se como objetivo geral: compreender como vem se dando a prática de alfabetização e letramento dos professores que atuam no 2º ano em uma escola na rede municipal de Muritiba – BA, no processo de alfabetização e letramento, levando em consideração o PNAIC.

Delineou-se como objetivos específicos: a) conhecer as concepções de alfabetização e de letramento que permeiam a prática dos professores sujeitos da

pesquisa; b) identificar práticas de alfabetização e letramento desenvolvidas na referida escola; c) apontar possibilidade de avanço no processo de alfabetização e letramento levando em consideração o PNAIC.

Este trabalho gesta-se a partir das inquietações que surgiram decorrentes as experiências adquiridas nos trabalhos de campo durante toda graduação, ao perceber o baixo desenvolvimento escolar em grande parte dos estudantes das escolas observadas, principalmente em relação à defasagem de avançar para as séries posteriores, por não dominarem os aspectos básicos do processo de alfabetização e letramento.

Sob essa ótica, esse trabalho torna-se relevante para estudos acadêmicos e principalmente para reflexão de professores alfabetizadores no que se refere à formação continuada, com o intuito de melhorar a prática, para garantir uma educação de qualidade para todas as crianças no município de Muritiba - BA.

A pertinência social se faz no sentido de contribuir com a produção dos conhecimentos relacionados a essa temática no âmbito escolar, sendo assim esse estudo pode contribuir para a melhoria da prática dos professores e qualidade do ensino, desde uma perspectiva de alfabetização e letramento.

Neste intento, realizou-se uma pesquisa qualitativa em educação, utilizando um método racional e sistêmico, que tem como objetivo buscar caminhos e respostas para responder um tema específico. Segundo Bogdan & Biklen (1994, p.48), “Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não números”, a pesquisa para realização do trabalho teve como público alvo (2) professores do 2º ano do ensino fundamental de uma Escola Municipal da cidade de Muritiba, em (2) turmas, a primeira turma contém (18) alunos e a segunda (26) alunos. O tempo para a realização da pesquisa se constituiu em 04 horas diárias, sendo uma semana no turno matutino e outra no vespertino, totalizando duas semanas e 40 horas.

Foram utilizados os seguintes instrumentos para coletar dados: observação que, segundo Marconi (2006, p.175), “é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade.” E a entrevista que, segundo Michel (2005, p.37), considerada um instrumento de excelência da investigação social, pois estabelece uma conversação face a face, de maneira metódica, proporcionando ao entrevistado, verbalmente a informação necessária.” E o diário de campo, de acordo com Bogdan & Biklen

(1994, p.152), “representa o melhor esforço do investigador para registrar objetivamente os detalhes do que ocorreu no campo.”

Este estudo foi dividido em: introdução, capítulo teórico-metodológico; capítulo da análise de dados, resultados, considerações finais, referências, apêndices e anexos.

2 UM BREVE HISTÓRICO DA ALFABETIZAÇÃO

Nesse capítulo será construído um diálogo com os autores, destacando os principais períodos que marcou a história da alfabetização no Brasil, assim como a fundamentação teórica de autores, a qual discute práticas de alfabetização e letramento.

O processo de alfabetização no Brasil foi marcado por várias práticas de leitura e escrita, desde as mais tradicionais contidas nas cartilhas até as mais recentes, na qual o ensino é voltado para as práticas sócias.

Muitas mudanças ocorreram nas práticas de alfabetização ao longo do tempo por diversos fatores: mudanças tecnológicas, culturais, necessidades econômicas e sociais. Essas influenciaram significativamente a organização escolar e as maneiras de ensinar a ler e escrever.

Ao realizar um estudo sobre a história da alfabetização encontra-se um predomínio do uso de métodos analítico e sintético nas práticas escolares, pois conforme Mortatti (2006) foi considerada como um processo complexo e multifacetado, marcado por vários métodos e divididos em três períodos, cada um com um método.

O primeiro período foi quando predominou o método de soletração ou alfabético, que significa dizer o nome das letras ao visualizar sílabas e palavras para traduzir som. O segundo período foi na década de 1960 contra a reação do método de soletração, surgindo o analítico e sintético como novo método. O terceiro período iniciou-se nos anos 1980, tendo como marca os questionamentos e resistência da necessidade de associar os sinais gráficos da escrita para facilitar a aprendizagem da leitura, logo após surgiu à teoria da psicogênese da língua escrita, adotada por Emília Ferreiro e Ana Teberosky (2005).

No Brasil o ensino acontecia com o auxílio da cartilha do ABC e tinha como base o ensino “combinatório das letras e som, a leitura propriamente dita fica para a segunda etapa. Partindo das unidades mais simples, as letras, o professor tenta mostrar que quando estas se juntam representam os sons, as sílabas que por sua vez formam palavras.” (CARVALHO, 2012, p.22).

Este método representa o grupo do método sintético, que parte do todo para a palavra em que a criança aprende letra por letra, esses são divididos em três tipos: o alfabético, o fônico e silábico. No alfabético, a criança aprende primeiro as letras,

depois forma sílabas, depois a família de cada letra, já no método fônico a criança aprende as partes sonoras das letras, e os fonemas. “A ênfase é ensinar a decodificar os sons da língua na leitura, e decodificar na escrita.” (CARVALHO, 2012, p.24).

Quanto ao grupo dos métodos, os analíticos ou globais são representados pelas unidades maiores da língua, que são as palavras, sentenças e histórias, dando enfoque primeiramente a memorização e depois analisar os fonemas e as sílabas. Carvalho (2012) aborda que os métodos globais apareceram no Brasil por influência da Escola Nova, que tinha como princípio respeitar as necessidades da criança, a partir da sua necessidade e do contexto cultural no qual esta inserida, estabelecendo relação com a escola e vida sócia,¹ esses são pensamentos escolanovista¹, cujo o aluno aprende fazendo e criando.

Nos anos 1980, ganha corpo no marco da história da alfabetização, a concepção de letramento, de acordo com Soares (2009, p.47), “[...] é um estado ou condição de quem apenas não sabe ler e escrever, mas cultiva e exercem as práticas que usam a escrita.” Já Carvalho (2012, p.66) “afirma que letramento é formar “[...] indivíduos capazes de usar a leitura e escrita para fins escolares, profissionais e culturais.” Sendo assim o letramento é uma habilidade de leitura e escrita e é utilizada nas práticas sociais a qual o aluno esta inserido.

O letramento e a alfabetização são processos diferentes, e interdependentes, um não é condição para o aluno, como por exemplo: aprender a ler e escrever por meio da alfabetização (código escrito) não garante que o educando saiba usar a leitura e escrita no contexto social (letramento), seja para interpretar um texto ou compreender o que esta escrito em um aviso ou anuncio. Sobre esse contexto, Soares (2009, p.24) afirma que,

[...] a criança que ainda não se alfabetizou, mas que já folheia livros, ou finge lê-los, brinca de escrever, ouvi histórias que lhe são lidas, está rodeada de matérias escritas e percebe o seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, por que não aprendeu a ler e escrever, mas penetrou no mundo da escrita, já é de certa forma letrada.

Assim, ser alfabetizado não implica ser letrado, pois atualmente no mundo em que vivemos, com as mudanças tecnológicas há uma necessidade de o individuo ser alfabetizado e letrado, para que isso ocorra, é necessário que as práticas dos

¹ Escolanovista – diz respeito às concepções teóricas de John Dewey e Anísio Teixeira sobre a Escola Nova.

professores alfabetizadores estejam voltadas para a prática de alfabetizar letrando. As metodologias utilizadas em sala de aula devem proporcionar aos alunos a compreensão do sistema alfabético, fazendo uso dos diversos tipos de gêneros textuais os quais circulam na sociedade a fim de tornar o aprendizado significativo.

Nesse sentido e com o intuito de superar o déficit de aprendizagem dos alunos, as autoridades educacionais vêm tomando algumas providências, como por exemplo, o desenvolvimento da formação continuada direcionada aos professores da educação básica. “Em 2012 foi lançado pelo Governo Federal, o Pacto Nacional na Idade Certa (PNAIC), tendo como meta alfabetizar todas as crianças sem exceção e no momento certo, até o final do ensino fundamental, quando eles completarem 08 (oito) anos de idade.” (BRASIL, 2012, p.6).

Este programa do MEC/PNAIC fundamenta-se em alfabetizar na perspectiva de alfabetizar letrando, o qual foi implementado na rede municipal de Muritiba no ano de 2012. Sobretudo, se espera que essa filosofia de trabalho seja incorporada nas práticas de alfabetização e letramento nas escolas que fazem parte desta rede pública municipal.

2.1 CONCEITO E CONCEPÇÕES DE LETRAMENTO

Para realizar um estudo sobre letramento é necessário entender o significado do termo, nas palavras de Soares (2011, p.17), “a condição ou estado de ser letrado, ou seja, “ser capaz de ler e escrever.” Deste modo, originalmente, letramento é definido como a condição ou estado daquele que sabe ler e escrever.

Nos anos 80, aumentou a preocupação com o letrar, pois antes a preocupação era com o combate ao analfabetismo - estado ou condição de quem era analfabeto - das pessoas que não sabiam ler e escrever, levados a não exercer sua condição como cidadão. Porém as necessidades mudaram, nos dias atuais, é necessário fazer uso da leitura e da escrita nas práticas sociais. Assim surge o alfabetismo ou letramento. Antes Soares (2009, p.20) diz que,

O termo analfabetismo nos bastava, o seu oposto alfabetismo ou letramento- não nos era necessário, só recentemente esse oposto tornou-se necessário, porque só recentemente passamos a enfrentar esta realidade social em que não basta ler e escrever, é preciso também fazer uso do ler e do escrever, saber responder as exigências de leitura e escrita que a sociedade se faz continuamente- Daí o surgimento do termo letramento

(que como já foi dito, vem se tornado uso corrente, em detrimento do termo alfabetismo).

Sendo assim, o termo letramento surgiu com o objetivo de adequar-se a uma nova realidade, ou seja, uma nova maneira de compreender a escrita no mundo social, pois quem domina a tecnologia da escrita, é alfabetizado, assume uma nova condição uma nova maneira de agir e se comportar diante dos acontecimentos do dia a dia, sendo que esse novo modo de se posicionar tem impactos sociais econômicos e culturais para o indivíduo e para a sociedade.

Para compreender melhor o letramento é preciso conhecer algumas concepções discutidas por vários autores, cada um com uma perspectiva. Soares (2009, p.18) traz a seguinte definição,

“[...] o letramento, o estado ou a condição de quem interage com diferentes portadores de leitura e de escrita, com diferentes gêneros e tipos de leitura e de escrita, com as diferentes funções que a leitura e a escrita desempenham em nossa vida [...] letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e de escrita.”

Assim, o letramento vai além de ler e escrever, a autora faz uma distinção entre ser alfabetizado e ser letrado, pois uma pessoa letrada não é propriamente alfabetizada, mesmo se envolvendo nas práticas sociais.

A autora enfatiza que uma pessoa analfabeta pode ser letrada, porque consegue inserir-se no contexto em que a escrita está fortemente associada em seu cotidiano, como por exemplo, pedir a uma pessoa que leia para ela jornais, placas de ônibus, cartas, avisos entre outros, esses estão fazendo uso da escrita se envolvendo em práticas sociais de leitura e escrita.

Ainda sobre concepção de letramento como práticas sócias Soares (1998) aborda que uma criança que ainda não esta alfabetizada, pode estar letrada, pois tem contatos com algumas práticas de letramento como: escutar histórias antes de dormir, interpretar comerciais de televisão, identificar objetos através de livros de imagens, sabem diferenciar um produto pela marca.

Para Soares (2003), o indivíduo que apresenta um bom desempenho em relação ao letramento, dependerá do lugar social no qual está inserido, isto é uma forma de inserção social., à medida que passa a desfrutar de outra condição cultural e social. Deste modo, as práticas sociais que envolve leitura e escrita podem gerar

algumas alterações, tornando mais adequadas as relações que mantém com as outras pessoas, nos diversos contextos sociais.

Kleiman (2005, p. 12) aborda que o letramento é “Conjunto de atividades envolvendo a língua escrita para alcançar um determinado objetivo numa determinada situação, associadas aos saberes, às tecnologias e as competências necessárias para a sua realização.” Nesse contexto, a autora concorda com Soares (2009), quando afirma que o letramento não é alfabetização, mas que estão associados, uma vez que a alfabetização e o letramento são processos distintos, mas que ambos se complementam.

Diante disso Kleiman enfatiza que as atividades que envolvem letramento no contexto da sala de aula, não podem ser desenvolvidas de forma individualizadas, mas coletivas, envolvendo todos os alunos em diferentes saberes.

Já Carvalho (2012, p.66) afirma que “letramento é formar [...] indivíduos capazes de usar a leitura e escrita para fins escolares, profissionais e culturais.” Nesse sentido, é evidente que o letramento é uma habilidade de leitura e escrita e é utilizada nas práticas sociais a qual o aluno está inserido.

Nesse sentido, as práticas dos professores alfabetizadores precisam estar voltadas para alfabetizar letrando, para que isso ocorra o professor deve fazer uso das metodologias de modo que os alunos compreendam o sentido do sistema alfabético, utilizando diversos tipos de gêneros textuais, os quais circulam na sociedade, para um aprendizado significativo, fazendo uso dessas habilidades com autonomia.

2.2 CONCEPÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO

A alfabetização é um procedimento específico de codificação, que possibilita ao aluno ler e escrever com autonomia, assim como a compreensão sonora da fala, e das letras para representar à escrita. De acordo com Soares (2013, p.16), a alfabetização “é um processo de representação de fonemas e grafemas e vice e versa, mas também um processo de compreensão/expressão de significados por meio do código escrito.” Desse modo, autora deixa claro que não se deve considerar uma pessoa alfabetizada aquela que apenas é capaz de decifrar os símbolos visuais em sonoros, como, por exemplo, ler palavras soltas, ou também não se deve

considerar uma pessoa alfabetizada aquela que não consegue expressar por escrito àquilo que ler.

Segundo Soares (2009), a alfabetização e o letramento não devem ser separados, pois no contexto social atual, existe uma necessidade de associar leitura e escrita por esses dois processos: “Pela aquisição do sistema convencional de escrita alfabetização e pelo desenvolvimento das habilidades de uso desse sistema em atividade de leitura e escrita nas práticas sociais que envolvam a língua letramento.” (SOARES, 2009, p.14). Dessa forma, no contexto atual, os docentes exercem um grande desafio no processo de ensino, em levar para os estudantes o conhecimento do sistema alfabético/ortográfico assim como o uso nas práticas sociais.

Sobre a concepção de alfabetização, Emilia Ferreiro e Teberosky (1999), afirmam que a alfabetização não deve ser compreendida apenas em codificar e decodificar, pois desta forma, corresponde a uma habilidade utilizada tecnicamente, dado como exemplo: dizer que uma pessoa está alfabetizada é quando consegue ler e escrever, pois alfabetização, não é somente aprender a ler e escrever, reconhecer o símbolo escrito ou apenas codificar e decodificar.

Com a divulgação dos estudos de Emilia Ferreiro e Ana Teberosky nos anos 80, esses estudos foram apresentados no livro “psicogênese da língua, a história da alfabetização seguiu um novo rumo”, as autoras rebatem o ensino com base na repetição e memorização, trazendo uma nova concepção considerando a escrita alfabética não mais como um código e sim como um sistema de representação.

Assim, compreende-se que ao utilizar a língua, de forma e memorizada é considerar que a alfabetização impõe em um exercício de repetição de palavras sílabas utilizadas de maneira descontextualizada. Pois esse movimento de ensinar mecanicamente não é alfabetizar.

Na psicogênese, as autoras explicam sobre as concepções de hipótese alfabética que são estabelecidas pelas crianças para se apropriar da língua escrita, ou seja, caminho percorrido para se apropriar da língua escrita, com esse estudo, elas deixam claro a ineficiência do uso de métodos tradicionais na atualidade, abrindo espaço para uma nova forma de ensinar as crianças a ler, levando em conta o processo ativo de aprendizagem do sujeito.

Assim, as autoras explanam que para que as crianças se apropriem da escrita alfabética, é necessário responder duas questões: o que a escrita representa e

como ocorrem as transformações? Argumentando que é preciso passar por quatro hipóteses alfabéticas: pré-silábica; silábica; silábica-alfabética e alfabética.

[...] um escrita pré- silábica, em que não há correspondência grafo fônica, depois passariam pela escrita silábica, em que há essa correspondência, mas no nível da sílaba (uma letra representaria uma sílaba) e não do fonema para posteriormente poderem chegar à escrita alfabética, na qual percebem a relação fonemas-grafemas, ainda que apresentem a trocas na notação de alguns sons, já que essa fase não pode ser confundida com domínio de norma ortográfica, sendo, esta última, uma tarefa de aprendizagem posterior. (BRASIL, 2012b p.16)

Nesse sentido, a fase pré-silábica é quando a criança não consegue relacionar as letras com o som da língua falada, por isso escreve em uma palavra várias letras, sem controle quanto ao número de letras. Já na fase silábica, a criança já consegue fazer uma relação entre a fala e a escrita, marcando cada pauta sonora com uma letra, no período silábico-alfabético, a criança já consegue reconhecer algumas sílabas e usa, porém ainda utiliza as características da fase anterior, escreve palavra silábica completa, como também uma só letra para notar a sílaba.

Na fase alfabética, a criança já consegue entender o princípio alfabético, notando que para cada fonema existe um grafema, podendo apresentar alguns problemas na ortografia. Sendo que a aprendizagem de leitura e escrita não é realizada da mesma maneira para todos os alunos. Por isso, quando a criança, conseguir desenvolver a consciência fonológica, irá adquirir habilidade para pensar sobre as unidades sonoras, logo irá conseguir identificar rimas ou alienações e também conseguirá contar sílabas orais.

Portanto, o professor alfabetizador exerce um papel importante no processo de alfabetização, necessita saber identificar todas as fases do desenvolvimento da criança para o procedimento de leitura ,para aquelas que encontram dificuldades em avançar, e também aqueles que apresentam um bom desempenho assim estará orientando e buscando alternativas para o avanço.

2.3 ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NO CONTEXTO DO ENSINO FUNDAMENTAL

De acordo com a Lei nº 11.274, no ano de 2006, fica instituído o ensino fundamental de nove anos de duração, visando assegurar que a criança, ingressando mais cedo no sistema de ensino, tenha um tempo mais longo para a

aprendizagem da alfabetização e do letramento, em destaque, as crianças das classes populares o direito a educação de qualidade, uma vez que os alunos de 06 (seis anos) oriundos das classes mais favorecidas, já obtinham um conhecimento mais avançado e já se encontravam majoritariamente no sistema de ensino, na primeira série do ensino fundamental.

Conforme o documento do MEC (2007) o objetivo da implementação da proposta de ensino fundamental, durante nove anos, visa não somente aumentar o número de alunos nas instituições de ensino na educação básica, mas também promover aos alunos maior tempo de convívio escolar, a fim de garantir mais oportunidades de aprendizagem.

Ao ampliar o ensino fundamental para nove anos, também irá possibilitar a qualificação do processo de ensino aprendizagem da alfabetização e do letramento, assim as crianças terão mais tempo para se apropriarem dos conteúdos. “No entanto, o ensino nesse primeiro ano ou nesses dois primeiros anos não deverá se reduzir a essas aprendizagens.” (MEC, 2007, p.8).

Pois desse modo o ensino para essas crianças de seis anos necessita assegurar o pleno desenvolvimento nos aspectos: físico, psicológico intelectual e cognitivo, tendo em vista alcançar os objetivos do ensino fundamental, sem reduzir a aprendizagem, ampliando as possibilidades de aprendizagem.

Assim o professor alfabetizador deverá respeitar seus saberes, partido do pressuposto que cada criança tem uma história de vida e um jeito de ser, assim como formas diversas de viver na infância, então cabe ao professor acolher essas crianças, pois muitas se encontram pela primeira vez no espaço escolar e outras já trazem experiências com a educação infantil. Sendo assim deve-se abordar o lúdico e as brincadeiras como forma de conhecê-los melhor, como um dos princípios para a prática pedagógica.

2.4 CONTEXTUALIZAÇÕES DO PNAIC - MEC

De acordo com o caderno de apresentação Brasil (2012), o Plano Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) é um programa de formação continuada que foi instituído, de acordo com Luz e Ferreira (2013 p.4), pela portaria nº 867 de 4 de julho de 2012. Foi criado pelos governos Federal, Municipal e Estadual, tendo

comprometimento em assegurar que todas as crianças estejam alfabetizadas até oito anos de idades, ao final do 3º ano do ensino fundamental (BRASIL, 2012. p.71).

O decreto de nº 6.094, de 24/4/2007, define, no inciso II do art.2º, a responsabilidade dos entes governamentais de “alfabetizar as crianças até, no máximo, os oito anos de idade, aferindo os resultados por exame periódico específico.” E a Meta cinco do projeto de lei que trata sobre Plano Nacional de Educação também reforça este aspecto ao determinar a necessidade de alfabetizar todas as crianças até, no máximo, os oito anos de idade. (BRASIL, 2012, p.11)

Esta medida estabelecida pelo governo federal contribui para a melhoria de qualidade do ensino, no processo de alfabetização na perspectiva do letramento, para garantir o direito de aprendizagem a todos, para que as crianças sejam alfabetizadas em período regular, até os 08 (oito) anos de idade.

O PNAIC divide-se em quatro momentos específicos: 1) formação continuada; 2) material didático; 3) avaliações sistemáticas; 4) gestão controle e mobilização. Essa estrutura organizacional do PNAIC pode ser compreendida em detalhes no corpo do caderno de apresentação do referido programa de alfabetização:

1- Formação continuada de professores alfabetizadores: realizado em curso presencial, com duração de dois anos, para os professores, ministrado pelos orientadores de estudo, educadores, que fazem um curso específico, com duração de 200 horas por ano, realizados pelas universidades públicas nacionais, o material para capacitação foi desenvolvido pela universidade de Pernambuco (UFPE) com a colaboração de 11 instituições de ensino superior. **2- Materiais didáticos e pedagógicos:** livros, obras complementares, dicionários, jogos de apoio á alfabetização. **3- Avaliações:** processo pelo qual o poder público e os professores acompanham a eficácia e os resultados do pacto nas escolas participantes. Por meio dessas avaliações poderão ser implementadas correções preventivas para as deficiências didáticas de cada localidade. **4- Gestão, controle e mobilização:** sistema de gestão e monitoramento, com intuito de assegurar a implementação das etapas do Pacto. O sistema de monitoramento. (BRASIL, 2012, p. 05)

O Plano Nacional de Educação na idade certa prevê como uma de suas ações a formação de professores alfabetizadores, através de curso, o qual apresenta uma estrutura de funcionamento, secretarias de educação, escola e universidades, que deverão estar articuladas para a realização do processo formativo dos professores que atuam nas escolas e sala de aulas. É fato que a formação dos professores está vinculada a vários conhecimentos, desde

abordagens pedagógicas, concepções de currículo, até mudanças de paradigmas culturais/epistemológicos e avanços das novas tecnologias.

Para que haja um desenvolvimento na formação continuada de professores, visando à garantia de qualidade na educação, dependerá de diversos fatores nos campos prático pedagógico e teórico epistemológico. Sendo assim, é fundamental que professores tenham uma formação continuada que lhes possibilite novas perspectivas do fazer pedagógico, ou seja, novas perspectivas de letrar e de alfabetizar, renovando-se o tempo todo, atento sobre sua prática cotidiana em sala de aula, no chão da escola. Logo, Gadotti (2005, p.26) afirma que,

durante muito tempo, a formação continuada de professores era baseada em “conteúdos objetivos”. Hoje, o domínio dos conteúdos de um saber específico (científico e pedagógico) é considerado tão importante quanto às atitudes (conteúdos atitudinais e procedimentais).

A formação continuada de professores é um direito e não uma obrigação, por isso cabe também ao professor está consciente da necessidade de buscar informações continuamente, de maneira que venha interagir e socializar com os outros profissionais de sua área para que possa estar ciente das mudanças que ocorrem no meio educacional.

Conforme levantamento do MEC (2012), muitas crianças chegam ao final do ensino fundamental sem estarem plenamente alfabetizadas, sendo assim, o Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa – PNAIC foi criado, com objetivo de garantir o direito de alfabetização a todos os alunos até o 3º ano do ciclo de alfabetização.

Muitos pesquisadores de diversas áreas têm discutido sobre os problemas da alfabetização no Brasil, nessas pesquisas, alguns questionamentos começam a ser delineados, como por exemplo: uma pessoa alfabetizada não é aquela que se apropria dos rudimentos da leitura e escrita, ou capaz de ler e escrever palavras. Espera-se que sejam capazes de interagir por meios de vários tipos de textos escritos, em um mundo letrado, frente às demandas sociais e aos avanços tecnológicos, os quais exigem cada vez mais sujeitos preparados nas práticas de linguagem diversas.

No bojo do PNAIC (2012), a formação continuada dos professores alfabetizadores, acontece de forma presencial, com duração de dois anos, a carga

horária é composta por 120 horas por ano, a metodologia adotada propõe estudos e atividades práticas, e os orientadores de estudos são os professores de cada município, os quais farão um curso de específico com carga horária de 200 horas de duração por ano, ministrado pela Instituição de Ensino Superior, é recomendável que os orientadores de estudo sejam dentre a equipe de tutores do município ou estado formados pelo Pró-Letramento,

Caso na rede de ensino não esteja disponíveis professores que tenham sido tutores do Pró-Letramento, os selecionados devem preencher os seguintes requisitos cumulativos: I. Ser profissional do magistério e ser efetivo da rede; II. Ser formado em pedagogia ou ter licenciatura; III. Atuar há, no mínimo, três anos nos anos iniciais do ensino fundamental, podendo exercer a função de coordenador pedagógico, e/ou possuir experiência na formação de professores alfabetizadores. (Brasil, 2012a, p.26)

Em consonância com o caderno de apresentação PNAIC (2012) essa formação continuada é recomendada aos professores do primeiro, segundo e terceiro ano do Ensino Fundamental e também para os professores que atuam com classes multisseriadas, sendo a mesma formação organizada em oito unidades e com várias atividades permanentes.

1- Leitura para deleite: leitura de textos literários, com conversas e com alguns textos lidos, incluindo algumas obras de literatura infantil, com intuito de evidenciar a importância desse tipo de atividade; 2- Tarefa de casa e escola e retomada, em cada encontro, no que foi proposto no encontro anterior, com socialização das atividades realizadas; 3- Planejamento de atividades a serem realizadas nas aulas seguintes ao encontro; 4- Estudo dirigido de texto, para aprofundamento de saberes, sobre os conteúdos e estratégias didáticas (Brasil, 2012, p 28-29).

Quanto aos materiais didáticos e pedagógicos oferecidos pelo programa, são materiais específicos para alfabetização: livros didáticos, manuais de professor, obras complementares, dicionários, jogos pedagógicos de apoio à alfabetização, obras de apoio pedagógico ao professor, assim como tecnologias educacionais de apoio à alfabetização.

Os materiais didáticos são distribuídos pelo MEC, sendo que as secretarias de educação complementam o acervo com mais obras literárias, jornais, revistas e gibis e também com recursos tecnológicos: filmadoras, computadores e projetores multimídia. Sendo assim além dos novos recursos para alfabetização, existe uma mudança em relação aos conteúdos, há também uma mudança na quantidade de materiais entregue as escolas, cujo acervo de cada unidade, é determinado pelo

quantitativo de turmas de alfabetização e não por escolas, dessa forma possibilitando aos professores alfabetizadores e aos alunos melhores condições para explorar o conteúdo e produzir novos letramentos.

De acordo com caderno de apresentação do Pacto (2012), a avaliação acontece de forma processual e continua e são debatidas durante todo o curso de formação pelo professor junto aos educandos, existe também a avaliação disponibilizada pelo sistema informatizado “no qual os professores deverão inserir os resultados da Provinha Brasil de cada criança, no final do 2º ano que permitirá aos docentes e gestores analisar de forma agregada essas informações e adequar eventuais ajustes” (BRASIL, 2012, p.13). Nesse sentido, a aplicação da Provinha Brasil, junto aos alunos concluintes do 3º ano do ensino fundamental, é uma avaliação universal, realizada pelo INEP, que visa avaliar o nível de alfabetização ao final do ciclo.

Conforme o manual do PNAIC, por Brasil (2012), existe vários métodos e estratégias para alfabetização, porém é importante destacar que a nova forma de ensinar, baseado nas práticas sociais de leitura e escrita vêm despertando o novo pensar dos professores no sentido de alfabetizar e letrar ao mesmo tempo, envolvendo os alunos nas práticas sociais. Assim, os métodos e estratégias que levavam os alunos, somente a aprimorar-se do sistema da escrita de forma memorizada não são insuficientes para suprir tais demandas.

Quanto aos alfabetizadores, é necessário atender aos seguintes critérios para atuar nos anos iniciais, conforme caderno PNAIC, disponibilizado por Brasil (2012, p.12)

Ter domínio dos conhecimentos necessários ao desenvolvimento do ensino de leitura e escrita na perspectiva do letramento; Ter habilidades para interagir com as crianças, dinamizando o processo pedagógico e promovendo situações lúdicas de aprendizagem; Ser assíduo e pontual, evidenciando compromisso com os processos pedagógicos; Ter sensibilidade para lidar com as diversidades culturais, de gêneros e etnia.

Nesse sentido, é importante que os docentes estejam preparados, motivados e comprometidos com grandes desafios para ensinar os alunos na trajetória escolar.

O Manual do pacto por Brasil (2012) aborda sobre a formação inicial e continuada, afirmando que os professores são figuras essenciais no processo de alfabetização. Porém no cenário brasileiro atual ainda existem registros de que, muitos professores alfabetizadores, possuem formações incompletas, com vínculos

trabalhistas precários, com poucas oportunidades de obter uma formação continuada.

Na maioria dos casos, os professores que são designados para trabalhar nas turmas de alfabetização, possuem pouca experiência na alfabetização e aqueles docentes que podem escolher não querem atuar, preferem não ficar nessas turmas. É importante assegurar a esses a formação inicial e continuada, garantindo as condições necessárias para desenvolver o trabalho com mais eficiência. Frente a isso, a formação do professor não se encerra na conclusão da graduação, mas deve se realizar continuamente no dia a dia da sala de aula, onde aparecem muitas dúvidas e conflitos.

Nesse processo, é fundamental a troca de experiências com outros profissionais de educação, o que pode trazer uma reflexão mais aprofundada para a prática. Mas isso só é possível acontecer quando a formação é integrada no dia a dia da sala de aula, com garantia de um ambiente adequado e tempo para os momentos individuais e coletivos, sem prejuízo dos dias letivos, garantindo os direitos dos alunos. Em relação a isso, o manual do pacto disposto por Brasil (2012, p.23-24) ainda explica que,

[...] a formação continuada dos professores alfabetizadores precisa garantir, dentre outros aspectos, as ferramentas para alfabetizar com planejamento. A alfabetização ocorre no dia a dia e devem ser voltada para todos os alunos. Portanto, o curso tem enfoque sobre os planos de aulas, as sequências didáticas e a avaliação diagnóstica, onde se faz um mapeamento das habilidades e competências de cada aluno, para traçar estratégias que permitam aos alunos aprender efetivamente. A formação precisa garantir ainda o aprofundamento dos conteúdos sobre alfabetização, interdisciplinaridade e inclusão como princípio fundamental do processo educativo.

Dessa forma, a formação continuada dos professores alfabetizadores organizou-se no ano de 2013 com destaque em linguagem portuguesa, e no ano 2014 para os docentes de matemática, esse curso foi organizado com objetivo de promover a melhoria da prática docente em alfabetização, com letramento e planejamentos das atividades. por isso contêm algumas atividades permanentes, com a retomada do encontro anterior, pois nos encontros são escolhidos relatores que irão detalha-los com a socialização das atividades a qual foram sugeridas para ser desenvolvida em sala de aula.

2.5 PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

De acordo com Albuquerque (2012), as práticas de alfabetização em leitura e escrita com crianças e adultos no Brasil, ocorrem por diversas maneiras, a saber:

[...] desde aquelas vinculadas ao ensino das letras, sílabas e palavras, através do método sintético e analítico, que hoje é considerado método tradicional, com uso de textos cartilha dos, até os que buscam inserir os alunos em práticas sociais de leitura e escrita.” (ALBUQUERQUE, In: Brasil, 2012, p.08)

Nesse sentido, as cartilhas que se organizavam com base nesses métodos, estiveram presentes durante muito tempo na prática cotidiana de professores alfabetizadores, sendo assim, os alunos chegavam ao ensino fundamental apenas com habilidades motoras, com dificuldades em seu processo de alfabetização, uma vez que a memorização era prática comum a todos os estudantes, seguindo o método sequencial das cartilhas.

Na década de 1980 existia fracasso escolar cada vez mais crescente, devido a equívocos nas práticas de alfabetização, pautadas em métodos tradicionais de ensino da leitura escrita. A partir daí, se instituiu o ciclo básico de alfabetização como tentativa de eliminação de reprovação dos alunos do ensino fundamental, buscando assegurar a continuidade no processo de alfabetização, através de práticas de leitura e escrita, construindo a aprendizagem de maneira significativa. Conforme caderno 2 do PNAIC, Unidade 8, o ciclo é definido da seguinte forma:

Na proposta do ciclo de alfabetização, não se defende a aprovação automática dos alunos, mas o compromisso com as aprendizagens e a construção de conhecimentos dos educandos de modo a garantir que, ao longo do ano escolar e do ciclo, eles progredam em seus conhecimentos.” (Brasil, 2012, p.09).

Sendo assim, a proposta do ciclo tem como base no direito da criança á educação na perspectiva da alfabetização e do letramento, rompendo com as práticas de exclusão dentro da escola, e na aprendizagem como processo contínuo, em maior tempo, respeitando a diversidade cultural e a forma que cada pessoa adquire o conhecimento. Por fim, espera-se que através desta proposta, exista uma escola menos seletiva, mais integradora dos diferentes grupos sociais, garantindo aos alunos permanência e continuidade dos estudos.

De acordo com Chartier (2007), o professor alfabetizador constrói suas práticas a partir dos conhecimentos adquiridos no espaço acadêmico, nesse

processo o professor por meio de suas reinterpretações, leva em consideração o que é pertinente e possível para ser aplicado em sala de aula. Com isso vários pesquisadores que discutem práticas de professores alfabetizadores e as mudanças que elas sofrem, têm observado que essas apropriações advêm de cursos, revistas, livros, dentre outros, ou seja, das formações continuadas, a exemplo do PNAIC.

Desse modo, as mudanças indispensáveis para melhoria das práticas de ensino são resultantes de mudanças na definição dos conteúdos a serem abordados assim como a organização do trabalho pedagógico. Diante do contexto as práticas de alfabetização são formadas por um conjunto de ações que envolvem métodos rotineiros e inovadores, nesse sentido as práticas escolares são consideradas não sendo algo acabado, pois acontece de forma contínua.

Ainda Segundo Chartier (2007), nos dias atuais, compreende-se o processo de alfabetização como uma prática complexa, que deve ser contextualizada, partindo do cotidiano do aluno, ou seja, deve está associada ao letramento. A alfabetização quando é dissociada do letramento não atende as exigências sociais em relação ao ler e escrever, pois na contemporaneidade há uma diversidade textual muito ampla. Portanto o professor alfabetizador, precisa trabalhar de forma que os alunos adquiram habilidades para atender as demandas atuais da leitura e escrita.

Em seus estudos Tardif (2002) traz importantes contribuições, ressaltando que os saberes docentes são adquiridos de diversas maneiras. Dentre estes, os saberes da experiência que constituem no dia a dia do exercício da docência. Ainda segundo esse autor, “cotidianamente, os professores partilham seus saberes uns com os outros através do material didático, dos macetes, dos modos de fazer, dos modos de organizar a sala de aula” (2002, p.53). Sendo assim, os professores estão partilhando seus saberes e refletindo sobre suas ações.

Em continuação, Tardif (2002) conceitua que o espaço escolar é considerado como uma produção de saberes no processo de alfabetização, assim o professor necessita desenvolver um atendimento diferenciado para com as crianças, no sentido de explorar os eixos do componente curricular na disciplina de língua portuguesa, e na forma como irá avaliar a aprendizagem da criança nos três anos para o processo de alfabetização.

Com base nesta discussão e de acordo com Tardif (2002), entende-se que os saberes docentes estão relacionados à capacidade do professor saber relacionar

tanto a teoria quanto a prática, assim como, o comprometimento do professor no processo de ensino e aprendizagem.

Zabala (1998) aponta que o professor possui pensamento prático e reflexivo, a qual esta sempre se questionando em relação à efetivação do seu trabalho em sala de aula, buscando estabelecer o que deve ensinar e como vai ser desenvolvida cada atividade. Diante do contexto o autor levanta alguns questionamentos sobre as ações do professor em relação as suas práticas, como por exemplo: Quais as atividades desenvolvidas? Porque são desenvolvidas? Como ocorrem as relações na sala de aula? Como os conteúdos são organizados para ser ensinado e como o processo de ensino e de aprendizagem é avaliado?.

O professor alfabetizador deve fazer uso do registro das experiências, servindo como alternativas pra a reflexão sobre o saber didático e pedagógico. Pois conforme indica Zabala (2004, p. 160),

“os registros podem servir como documentos; um instrumento de observação, que sirva de espaço para documentar situações interessantes que ocorrem classe; um dispositivo que auxilia planejamento do professor com o projeto educativo em vigor; ou um recurso de investigação para analisar os dados que se queira estudar”.

Contudo é necessário que os professores alfabetizadores, façam registro das suas próprias atividades como forma de fazer autoanálise em suas práticas.

3 REFLEXÕES SOBRE PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA ESCOLA

Neste último capítulo, será tratado sobre o campo e os sujeitos participantes desta pesquisa, os quais foram às professoras do 2º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Gastão Pedreira. Como forma de preservar a identidade de cada professora, procurando não expor as profissionais, foi adotado no decorrer do texto os nomes fictícios Betty e Clara, para proceder à construção e análise de dados.

Alfabetizar letrando não se constitui com um novo método de alfabetização, mas consiste na utilização de textos variados no ambiente escolar. Um novo significado para a palavra alfabetização, sobretudo em uma visão pedagógica.

3.1 PERFIS DAS PROFESSORAS PARTICIPANTES DA PESQUISA E DA ESCOLA

TABELA 1 Dados sobre o perfil dos professores investigados

Perfil	Betty	Clara
Município	Muritiba	Muritiba
Idade	40	55
Turma que leciona	2º ano	2ºano
Anos de docência	12 anos	30 anos
Forma de ingresso	Concurso	Concurso
Formação acadêmica	Pedagoga	Pedagoga
Pós- graduação	Psicopedagogia	Docência do Ensino Superior
Formação continuada	PNAIC	PNAIC
Quantidade de alunos	26	18

Fonte: Dados da pesquisadora, coletados durante a pesquisa (Abril/2018).

A tabela 1 apresenta dados referentes aos perfis das professoras, foi observado que as participantes da pesquisa têm entre 40 a 56 anos, possuem formação na área da educação, em licenciatura em Pedagogia, sendo uma com especialização em Psicopedagogia, e a outra com especialização em didática do ensino superior, ambas lecionam no 2º ano e possuem mais de 12 anos de docência.

A escola na qual foi realizada a pesquisa faz parte da esfera municipal, fundada no ano de 1969, localizada na zona urbana, no município de Muritiba - BA, tendo em sua estrutura Educação Infantil e Ensino Fundamental. Além de funcionar os dois turnos, a unidade escolar possui atualmente 165 (cento e sessenta e cinco) alunos e 17 (dezessete) funcionários, entre eles: professoras, coordenadora pedagógica, auxiliar de sala, diretora, vice-diretora, porteiro, merendeira, servente e secretaria.

As turmas observadas estão compostas por alunos do sexo feminino e masculino, moradores de uma comunidade carente da cidade, e cada um possui histórias diferentes. Durante o período de observação foi possível perceber que as turmas são bem agitadas, por isso as professoras passam a maior parte do tempo da aula advertindo os alunos.

3.2 UM OLHAR DAS PROFESSORAS SOBRE CONCEPÇÕES DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Durante a pesquisa foi observado como as professoras trabalham a alfabetização e letramento em sala de aula, ou seja, a sua prática pedagógica. Em especial, escolhi observar a disciplina de Português, nas atividades que envolvem alfabetização e letramento, levando em consideração a formação do PNAIC (Plano Nacional De Alfabetização Na Idade Certa), embora seja importante saber que o letramento deve ser praticado em todas as disciplinas.

Para analisar as concepções de letramento/alfabetização e a prática pedagógica de professores alfabetizados, é necessário, primeiramente, saber como estes professores definem o que é ser alfabetizado e letrado e como compreendem sua própria função. Assim elas expressam sua concepção sobre alfabetização e letramento:

Professora 1 (Betty): “Alfabetização é fundamental, é quando o aluno já sabe ler e escrever, é ter conhecimento de algo. Já o letramento é quando o aluno tem uma visão de mundo, já consegue interpretar, tem concepção daquilo que está lendo. ex: ao ler um texto consegue associar algo que já conhece do seu cotidiano, com olhar crítico. ”

Professora 2 (Clara): “Alfabetização é quando a criança sabe ler e escrever, quando não distingue a palavra não é alfabetizada, diferença de letra cursiva e letra

de forma, o processo de alfabetização se constrói ao longo da vida. O letramento é importante, pois a criança mesmo não tendo habilidades com a leitura, ele sabe identificar o nome das coisas pela marca, cor ou imagens, a criança aprende com o concreto.”

A professora Betty conceitua a alfabetização como um processo de fundamental importância para que o aluno possa avançar, enquanto o letramento é habilidade que o aluno adquire nesse processo para poder se posicionar com olhar crítico.

Para a professora Clara, o processo de alfabetização envolve vários saberes, desde o conhecimento com a leitura e escrita, assim como saber a diferença das letras de forma e cursiva, e que o processo de alfabetização acontece processualmente ao longo da vida, e com o letramento o aluno aprende muito antes de adentrarem na escola.

Assim Soares (2010, p.39-40) afirma que,

[...] Retomemos a grande diferença entre alfabetização e letramento, entre alfabetizado e letrado, [...] um indivíduo letrado não é necessariamente um indivíduo alfabetizado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, e não aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e escrita, nas práticas a leitura e a escrita, responde adequadamente as demandas sociais de leitura e da escrita.

Nestas palavras, a autora explica claramente os dois termos, deixando a noção sistêmica que cada um representa, evidenciando que as visões das professoras na visão das professoras estão coerentes com a ideia de Soares, que defende a alfabetização como um processo de representação de fonemas e grafemas e vice e versa, mas que deve ter um significado para a criança, não apenas ler palavras soltas, mas de maneira contextualizada. Deste modo Kleiman (2005) aborda que habilidades e competências vazias não podem ser denotadas como práticas fora do letramento e alfabetização.

Em suas falas, as professoras não deixam claro que os processos de alfabetização e letramento devem caminhar juntos, colaborando com as características desenvolvidas na perspectiva do letramento. Para Soares (1998, p.47), alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário, “o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no

contexto das práticas sociais de leitura e escrita, de modo que o indivíduo se tornasse ao mesmo tempo, letrado e alfabetizado”.

Sabemos que alfabetizar letrando é uma tarefa complexa, principalmente na sociedade em que vivemos, potencializando as relações que existem entre elas, sendo que as crianças chegam à sala de aula com diferentes habilidades e estas devem ser estimuladas coletivamente. Com tudo, coadunando com os teóricos que fundamentam essa pesquisa, é possível perceber que alfabetizar e letrar são processos diferentes, mas não inseparáveis, eles necessitam caminhar juntos para melhoria do ensino, contribuindo com as práticas sociais da sociedade contemporânea.

Seguindo essa compreensão, atualmente, a alfabetização tornou-se uma das prioridades nacionais, uma vez que o professor alfabetizador exerce uma função de auxiliar os alunos na formação para um excelente exercício de cidadania.

3.3 PRÁTICAS DOS PROFESSORES ALFABETIZADORES

O processo de alfabetização na sociedade atual deve se desenvolver levando em conta a alfabetização. A partir disso o aprendizado se tornará mais significativo, prático e útil na vida dos alunos, tornando o ensino da leitura e da escrita mais prazeroso e interativo. Partindo desse contexto, foi feita a seguinte pergunta para as professoras entrevistadas. Como vocês realizam as atividades de alfabetização na prática diária?

Professora 1 (Betty): “Trabalho com a leitura de vários textos e interpretação de texto de forma oral e escrita e retomada das atividades. ”

Professora 2 (Clara): “A importância do planejamento, sequência didática nas atividades, roda de conversa, jogos e interpretação de texto, etc. ”

As professoras relatam que as práticas de alfabetização desenvolvidas em sala de aula entram no planejamento escolar como um passo importante que acontece por meio de textos interpretativos, jogos, sequência didática e roda de conversa.

Além do relato da professora Clara, observou-se que a mesma trabalha com projeto, e que os alunos levam para casa uma sacola contendo materiais como livros, sumariamente. A família faz a leitura para as crianças que ainda não sabem ler, no dia seguinte a professora retoma as atividades. A prática adotada pela

professora apresenta uma coerência na proposta do PNAIC, retomando as atividades trabalhadas na aula anterior, assim como o incentivo da leitura desde a base, de forma prazerosa e não apenas no espaço escolar.

Porém, quando o aluno volta à sala, a leitura é feita coletivamente, mas de forma muito rápida, os alunos decoram o texto e a interpretação é feita através de perguntas e respostas, ou seja, o texto não é explorado de forma crítica, e os alunos copiam as respostas no caderno. No entanto, em nível de teoria, as professoras demonstram entender o conceito de alfabetização e letramento, porém na prática é diferente.

A leitura, como prática social é sempre um meio, nunca um fim. Ler é uma resposta a um objetivo, a uma necessidade pessoal. Fora da escola, não se lê só para aprender a ler, não se ler de uma única forma, não se decodifica palavra por palavra, não se responde a pergunta de verificação de entendimento preenchendo fichas exaustivas, não se faz desenho sobre o que mais gostou e raramente se ler em voz alta. Isso não significa que a escola não possa eventualmente responder perguntas sobre a leitura, de vez enquanto desenhar o que o texto sugere, ou ler em voz alta quando necessário. No entanto, uma prática constante de leitura não significa a repetição infindável dessas atividades escolares. (BRASIL, 1997, p.41)

O documento traz exemplos de alguns fatos o qual ocorrem no cotidiano escolar, levantando questões sobre situações que devemos dar atenção maior, como por exemplo: desenvolver atividade de forma planejada para este objetivo, todavia, não é repetindo séries cansativas que os alunos irão desenvolver um bom desenvolvimento no processo de aprendizado.

A professora Betty, foi observado que realmente a sala de aula apresenta um ambiente alfabetizador e contem vários recursos pedagógicos, para auxiliar o professor no processo de alfabetização, no momento da aula, a professora faz uso desses recursos, porém quanto às atividades, não obedece a uma sequência didática.

No contexto atual não basta apenas codificar e decodificar, é necessário ler entender, interpretar e ser capaz de interagir na sociedade de forma dinâmica, participativa e crítica diante dos diversos gêneros textuais os quais circulam na sociedade.

Logo abaixo é destacado o relato das professoras em relação às práticas de alfabetização e letramento com a seguinte pergunta: De que forma vocês envolvem os alunos nas práticas de letramento?

Professora 1 (Betty): “Através de diversos gêneros textuais, histórias em quadrinho, peças teatrais, através de leitura, entre outros.”

Professora 2 (Clara): “Roda de conversa e brincadeiras. ”

Em sua resposta, a professora Betty afirma que os alunos se envolvem nas práticas de letramento, através de gêneros textuais de diversas esferas, pois o professor necessita ter domínio das discussões teóricas desenvolvidas nos últimos anos, das quais todos devem contribuir para as atividades voltadas para o letramento.

Nesse sentido (PNAIC - ANO 1, p.32) defini que,

Em todos os anos de escolarização, as crianças devem ser convidadas a ler, produzir e refletir sobre textos que circulam em diferentes esferas sociais de interlocução, mas alguns podem ser considerados prioritários como os gêneros da esfera literária/acadêmica e esfera midiática destinadas a discutir temas relevantes.

Cada gênero textual exerce uma função importante e comunicativa na sociedade, seja para informar, expor, argumentar, anunciar, explicar, narrar, entre outros, estes devem ser trabalhados na escola levando em consideração, o contexto cultural dos alunos, trabalhando com os gêneros textuais que circulam no meio social.

Segundo Albuquerque (2007, p.98), é necessário fazer o aluno “compreender as características textuais de cada gênero em razão das funções que cumpre na sociedade [...] é preciso também que eles se apropriem da escrita que usamos para escrever textos, que no caso, é a escrita alfabética”. Na observação feita em sala de aula, durante a prática desenvolvida pelas professoras, não foi observado atividades envolvendo os gêneros textuais, ou outras características.

Em relação ao relato de Clara, a mesma explana que o letramento se aprende brincado e com participação de todos os alunos a professora concorda com a ideia de que o letramento “é diversão, é leitura à luz de vela ou lá fora, à luz do sol [...] letramento é prazer, é lazer, é ler em diferentes lugares condições, não só em escola, em exercício de aprendizagem”. (SOARES,1998, p.42)

O letramento é muito amplo e vai além da alfabetização, pois as crianças se envolvem em várias práticas sociais de leitura e escrita, aprendem de forma prazerosa em diversos lugares, não somente na escola através de atividades

pedagógicas, mas em outros ambientes, como praças, museus, e através dos jogos pedagógicos de forma lúdica.

Para promover o letramento é necessário, desenvolver nos alunos um pensamento crítico, deste modo, as escolas juntamente com os professores necessitam desenvolverem metodologias ativas para que a aprendizagem dos alunos ocorra. Os professores precisam conhecer a realidade dos alunos, e a partir disso fazer opções pedagógicas.

3.4 INFLUÊNCIAS DA FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES ALFABETIZADORES EM SUA PRÁTICA

Segundo o Ministério de Educação, a formação continuada dos professores alfabetizadores, são ações respaldadas pela política Nacional de professores do magistério da educação básica, instituída pelo decreto 6.755, de 29 de janeiro de 2009.

A formação continuada como política é entendida como um componente importante para a profissionalização docente e deve-se entregar ao cotidiano da escola, pautando-se no respeito e assim como nos saberes e na experiência docente. ****Documento orientador Pacto 2012****. Sendo assim, destaca-se abaixo na fala das colaboradoras, como a formação do PNAIC contribui para sua prática de alfabetização/letramento no 2º ano?

Professora 1 (Betty): “O PNAIC contribui significativamente, dando embasamento metodológico para reflexão da melhor forma de abordar os conteúdos, e a responsabilidade com o aprendizado das crianças.”

Professora 2 (Clara): “Troca de experiência com os colegas, e as formas como a formação atribui, pois ao longo da carreira as práticas entram em rotina, então contribui pra renovar as práticas e os materiais.”

Nos depoimentos das professoras, observa-se que são várias as contribuições que o programa PNAIC oferece além do embasamento teórico para melhoria da prática, os materiais disponíveis, a troca de experiência com os colegas e o compromisso com o aprendizado dos alunos.

Deste modo, o programa também oferece ao professor e ao aluno a oportunidade de uma aprendizagem significativa, proporcionando ao professor reflexões mais precisas sobre o processo de alfabetização com base no letramento,

oferecendo melhores condições para utilizar os materiais didáticos que são de extrema importância para ajudar o professor na sala de aula, pois com o passar dos anos as práticas de ensino entram em rotina.

Por isso é fundamental que o professor conheça qual o perfil de cada aluno, para que possa progredir na aprendizagem tanto na leitura quanto na escrita alfabética. Esse perfil deve servir de base para nortear os conteúdos e as atividades que precisam ser priorizadas na prática de alfabetização e na perspectiva do letramento.

Durante o processo de pesquisa, foi feita outra pergunta as professoras, que se deu da seguinte forma: Em relação às bases teóricas abordadas pelo PNAIC, ele lhe dá suporte para melhorar sua prática de alfabetização e letramento?

Professora 1 (Betty): “Sim, dando o norte, pois os livros, os materiais e a formação são um resumo de tudo. ”

Professora 2 (Clara): “Sim, porque as teorias nos dá suporte para identificarmos as fases de desenvolvimento da criança. ”

As respostas das professoras não apresentam uma coerência precisa, dessa forma dificultando a compreensão. Em relação à resposta de Clara, ela afirma que as bases teóricas são de extrema importância para identificar as fases de desenvolvimento dos alunos.

Segundo os depoimentos das professoras, no que diz respeito às práticas, surge a seguinte pergunta. Quais atividades de alfabetização e letramento você desenvolve na prática diária em sua turma do 2º ano, a partir da formação PNAIC?

Professora 1 (Betty): “São diversas, porém com mais frequência são leitura de texto, ditado de palavras, formação de palavras e frases, pesquisas em dicionário, construção de jogos. Porém são desenvolvidas aquilo que esta no nível dos alunos, pois a formação é muito avançada, só coloco em prática o que realmente o aluno necessita.”

Professora 2 (Clara): “Várias atividades como cruzadinha, caça palavras, jogo bingo de letras, entre outros. ”

Conforme o depoimento das professoras, percebe-se que elas estão em conformidade com as sugestões sugeridas pela proposta do Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa. Desta maneira torna-se importante oportunizar na prática docente momentos em que diversos aspectos sejam avaliados, para que isto ocorra o professor deve fazer uso de diferentes ferramentas, deve avaliar qual nível

de conhecimento e habilidades o aluno já alcançou ou precisará alcançar, bem como as dificuldades alcançadas nesse percurso, não esquecendo que cada criança aprende em um tempo diferente.

De acordo com as professoras a formação do PNAIC trouxe muitas diferenças na sua forma de alfabetizar e letrar, o lúdico passou a ser aplicado diariamente pedagogicamente. Professora Clara explana que obedece ao nível de aprendizado dos alunos, só avança os conteúdos quando realmente os alunos adquirem o aprendizado concordando com a ideia proposta por Chartier (2007), ao afirmar que o professor deve levar em consideração e abordar os conteúdos que são possíveis e pertinentes de serem aplicados em sala de aula e se estiverem dialogando com a realidade dos alunos e com o nível de aprendizado no qual eles se encontram, pois não se pode esquecer que cada aluno se desenvolve de uma forma diferenciada.

Portanto o ideal é apresentar para os alunos uma aprendizagem significativa no processo de alfabetização e letramento, não deixando de garantir o direito de aprendizagem dos alunos. Assim, surgiu outra indagação. Na escola existe alguma proposta de alfabetizar letrando? Como acontece?

Professora 1 (Betty): “Sim, o PNAIC. De acordo com a orientação do programa eu trabalho com registro de experiência e planejamento, e além do PNAIC, a escola tem projeto para trabalhar com base à realidade do aluno, com o apoio de todo corpo docente envolvido.”

Professora 2 (Clara): “Sim, o PNAIC. Incentivo com a leitura, abordando o letramento, cantinho de leitura e cantinho de matemática, utilizo recursos como sucatas, pois na minha concepção, identifico que através dos recursos didáticos os alunos podem associar a prática no cotidiano deles.”

Em consonância com os relatos das professoras, a escola oferece aos alunos as proposta do PNAIC, trabalhando com planejamento, com registro de experiência e a escola detém de projetos nos quais aborda a dificuldade dos alunos e desenvolve projetos como oficinas para aprimorar o conhecimento e ajudá-los.

Faz-se imprescindível, portanto, de acordo com Zabala (1998) registrar suas próprias atividades com base na autoanálise, desenvolver estratégias para mais controle de situação de ensino, como por exemplo: o tempo que vai utilizar para a realização das atividades, conhecimento do conteúdo a qual será abordado e observar o aprendizado dos alunos.

Finaliza-se com a seguinte pergunta: Quais reflexões você tece sobre sua prática de alfabetizar letrando a partir da formação do PNAIC? E aponte quais melhorias?

Professora 1 (Betty): “O professor alto se avalia, o professor tem que ser um pesquisador, a troca de experiência na formação, o que deu certo ou não. Sim, melhorou, pois os alunos não utilizam cópia, trabalho com roda de conversa, os alunos atuam ativamente, o professor reflete sobre sua prática e sai do tradicionalismo. ”

Professora 2 (Clara): “O PNAIC veio para contribuir com a prática e alertar os professores sobre a utilização dos métodos tradicionais, que os alunos podem aprender com auxílio da musicalidade, jogos materiais, renovando a forma de ensinar e a descoberta de algo novo. Sim, teve melhorias principalmente na participação da família, na maneira de orientar os alunos. ”

Através dos relatos, observei que as professoras possuem uma grande experiência na área, ainda mais por apresentarem 15 anos de trabalho. Mesmo com tantas experiências, a formação PNAIC foi visto por elas como muito produtiva e inovadora, declararam que fizeram e fazem parte do programa em busca de aumentar os seus conhecimentos.

Segundo as professoras, essas formações proporcionam a troca de ideias e experiências com as outras colegas, assim também como aprimora os conhecimentos atuais na realidade brasileira, abordando o letramento no contexto social dos alunos. O PNAIC proporciona o uso de materiais mais lúdicos, como jogos, roda de conversa, sendo esta uma forma de desenvolver a oralidade.

Em relação à reflexão da prática, os professores dialogam com a concepção de Tardif (2002) abordando que o saber da experiência é muito importante para melhorar sua prática e trocar conhecimento entre os colegas de profissão, assim como Zabala (1998), apontando que o professor detém pensamentos reflexivos e práticos a todo tempo.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto atual o letrar e o alfabetizar devem ser trabalhados na sala de aula, de forma crítica, criativa e contextualizada, pois a mudança nas práticas pedagógicas se faz necessária para então melhorar a qualidade do ensino aprendizagem. Nessa perspectiva, o professor/a é um/a dos/as principais responsáveis para essas mudanças, assim como, preparar os alunos para vivenciar, atuar e participar de todas essas transformações sociais. Para isso, é necessário que tenham conhecimento sobre o que estão trabalhando, contribuindo na formação e emancipação dos alunos, enquanto seres críticos, participativos e questionadores da realidade e do meio social no qual estão inseridos.

Analisando as respostas das professoras durante as entrevistas e durante as situações observadas nos momentos das aulas, em sua prática, foi constatado que o processo de alfabetização e letramento desenvolvido no trabalho das professoras ainda não se concretizou conforme proposto pelo PNAIC, pois a prática pedagógica acontece precedida da compreensão de alfabetização e letramento de modo separado e não como processo interdisciplinar e unívoco.

A concepção de cada uma das professoras em relação a ser alfabetizado e letrado, na teoria, dialoga com os autores que fundamentam essa temática, porém, no momento que observa-se suas práticas em sala de aula, elas não acontecem como deveria. O entendimento sobre o que é ser letrado ainda assim participando do PNAIC é pouco, e as práticas, mesmo sendo trabalhados com vários textos, gêneros, interpretações, projetos para incentivar a leitura, na maioria das vezes não fazem semelhança com a realidade social dos alunos.

Quanto às atividades de alfabetização propostas aos estudantes pelas professoras, observa-se que chegam perto das atividades que envolvem letramento, mas poderiam ser exploradas com mais eficácia, pois para realizar um trabalho de letramento não basta apenas favorecer o acesso ao gênero textual, é necessário explorá-lo, e também estimular a escrita mostrando a sua importância na vida cotidiana dos alunos. As atividades propostas não seguem a uma sequência didática que proporcione o conjunto alfabetização e letramento.

Não obstante, notou-se que as ideias das professoras em relação ao processo de alfabetização eram mais claras do que as suas ideias sobre alfabetizar e ser alfabetizado, pois as atividades que dizem realizar e as quais identifica-se,

apresentam uma boa proposta inicial, ainda que para compreensão, não atendem a nenhum dos propósitos: alfabetizar e letrar. Constatar isso é um fato muito preocupante, pois as atividades propostas não favorecem uma reflexão/compreensão sobre como funciona o sistema da escrita (alfabetizar) tão pouco a função da escrita nas práticas sócias (letrar).

Com os dados provenientes da pesquisa, foi esclarecido que as crianças passam pelo ciclo de alfabetização, porém não são alfabetizadas, a maioria não conseguem usar a escrita com autonomia e competência, ou seja, não ampliam o seu nível de letramento. Ratificando que essa defasagem de aprendizado vem das séries anteriores e vai se ampliando, causando nos alunos muitas dificuldades para avançar.

Considerando a permanecem para algumas questões futuras: Qual maneira a formação do PNAIC/MEC poderá contribuir para a efetivação dos processos de alfabetização e letramento no chão da sala de aula? Em resposta a esse questionamento, afirma-se que é valido uma reflexão mais aperfeiçoada sobre a formação de professores alfabetizadores. Portanto, essa pesquisa não se encerrará neste trabalho de conclusão de curso, pretende-se seguir ampliando a temática, e futuramente desenvolve-la em estudos de pós-graduação.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Eliana B. C. et al. Alfabetização e letramento: conceitos e relações. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

ALBUQUERQUE, Eliana Borges Correia; MORAIS, Artur Gomes; FERREIRA, Andréa Tereza Brito. As práticas cotidianas de alfabetização: o que fazem as professoras? **Revista Brasileira de Educação**, v. 13, n. 38. 2008.

ALBURQUERQUE, Eliana Borges Correia. Conceituando alfabetização e letramento. In: SANTOS, Carmi Ferraz. MENDONÇA, Márcia (ORG) **Alfabetização e letramento: Conceitos e Relações**. Belo Horizonte: Autentica, 2007.p 11 35.

BOGDAN, Roberto C. et al., **Investigação Qualitativa em educação- Uma introdução à Teoria e aos métodos**, Editora Portugal, 1994.

BRASIL, **Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa**: a apropriação do sistema de escrita alfabética e a consolidação do processo de alfabetização: ano 2: unidade 3. Ministério de Educação, Secretária de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília, 2012c. Disponível em: <[HTTP://pacto.mec.gov/imagens/pdf/Formação/Ano2_Unidade3_MIOLO.pdf](http://pacto.mec.gov/imagens/pdf/Formação/Ano2_Unidade3_MIOLO.pdf)> Acessado em: 11/04/2016.

BRASIL. 1997. Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria da Educação Básica. Brasília, A secretaria, 144 p.

BRASIL. 2000. Parâmetros curriculares nacionais: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. Brasília. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf>. Acessado em: 25/04/2016.

BRASIL. 2008. Orientações curriculares para o ensino médio: Linguagens, códigos e suas tecnologias. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Brasília, 239 p.

BRASIL. Ministério da Educação. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: formação do professor alfabetizador: caderno de apresentação. Brasília: MEC, SEB, 2012b.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Reflexão sobre a prática do professor no ciclo de Alfabetização: progressão e continuidade das Aprendizagem para a construção do conhecimento por todas as crianças. Caderno de Apresentação. Brasília: MEC, SEB, 2012b. BRASIL. Ministério

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Entendendo o Pacto. Brasília, 2012a. Disponível em: <[http:// pacto.mec.gov.br/o-pacto](http://pacto.mec.gov.br/o-pacto)>. Acesso em: 20 de agosto de 2017.

BRASIL. Lei nº. 11.274, de 06 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32, 87 da Lei nº. 9.394 de 20 de dezembro de 1996, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir do 6 a 9 anos de idade.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar**: Um diálogo entre a teoria e a prática. 9 ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2012.

CHARTIER, Anne- Marie; HÉRBRARD, Jean. **L' invention du quotidien**: une lecture, dès usages. Paris: le debate .1987.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua Escrita**. 4 ed, Porto Alegre: Artes Médica, 1999.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: ensinar e aprender com sentido. Curitiba: Positivo, 2005

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa** .4.ed. São Paulo: atlas, 2002.

KLEIMAM, Ângela B. **Preciso “ensinar” o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?** Cefiel/ IEL/ Unicamp, 2005-2010.

KLEIMAN. Ângela B. **O conceito de letramento e suas implicações para a alfabetização?** Cefiel/Unicamp & MEC. Fevereiro 2007.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 6 ed. São Paulo: atlas, 2006.

MACIEL, F. I. P. História da Alfabetização: perspectivas de análise. In: VEIGA, C. G; FONSECA, T. N. L (Orgs). **História e Historiografia da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**: um guia prático para acompanhamentos da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. 1. Ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MORTATTI, Maria do Rosário Longo. Alfabetização no Brasil: Conjecturas sobre as relações entre política e seus sujeitos privados. **Revista Brasileira de Educação**. v.15 n44 maio/agosto/ 2010.

SOARES, Magda. Alfabetização e Letramento: Caminhos e descaminho.

_____. **Ensino fundamental de nove anos:** Orientação para a inclusão da criança de seis anos de idade. 2º ed. Brasília:FNDE, Estação Gráfica, 2007.

_____. **Letramento:** um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

_____. Alfabetização e Letramento. – São Paulo: Contexto, 2012.

TARDIF, Maurice. Marlene Carvalho. **Alfabetizar e letrar** : um diálogo teoria e prática. 9 ed. Petrópolis, Rj: vozes , 2012.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa:** como ensinar. Porto alegre: Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1998.

ZABALA, Miguel. **Diários de Aulas:** Um Instrumento de Pesquisa e Desenvolvimento Profissional. São Paulo: Ed. Artmed, 2004.

APÊNDICE A – Modelo de Questionário



FACULDADE MARIA MILZA
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

Tanise Costa Cerqueira de Alcântara

Ma. Maria Cristina de Jesus Sampaio- Orientadora

Dados das professoras entrevistadas:

1 – Nome da professora
2 – Escola
3 – Rede
4 – Quantos anos de docência?
5 – Turma e ano que leciona?
6 – Quantidades de alunos
7 – Forma de ingresso na escola?
8 – Possui pós-graduação?
9 – Já fez ou esta fazendo outro curso de formação continuada? Qual?

Questões:

1. Qual a sua concepção sobre alfabetização?
2. Qual a sua concepção sobre letramento?
3. Como você realiza as atividade de alfabetização na sua prática diária?
4. De que forma você envolve os alunos nas práticas de letramento?
5. Como a formação do PNAIC contribui para sua prática de alfabetização/letramento no 2ºano?
6. As bases teóricas abordadas pelo PNAIC lhe da suporte para melhorar sua prática de alfabetização e letramento?
7. Quais atividades de alfabetização e letramento você desenvolve em sua turma do 2º ano, a partir da formação PNAIC?
8. Na escola existe alguma proposta de alfabetizar letrando? Como acontece?
9. Quais reflexões você tece sobre sua prática de alfabetizar letrando a partir da formação do PNAIC? E aponte quais melhorias?

Anexo A – Termo De Consentimento Aos Participantes



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Conforme Resolução cns nº 466/2012)

O (a) Senhor (a) está sendo convidado (a) a participar do estudo: Reflexões sobre a prática de professores alfabetizadores do 2º ano em uma Escola Municipal de Muritiba, a partir do plano nacional pela alfabetização na idade certa- PNAIC.

O estudo justifica-se a partir das inquietações que surgiram decorrentes as experiências que tive nos trabalhos de campo durante toda graduação, em perceber o baixo desenvolvimento escolar em grandes partes dos estudantes das escolas observadas, principalmente em relação à defasagem em avançar para as séries posteriores, por não dominarem os aspectos básicos do processo de alfabetização e letramento.

Traçou-se com objetivo geral: Compreender como vem se dando a prática de alfabetização e letramento dos professores que atuam no 2º ano em uma escola na rede municipal de Muritiba–BA, no processo de alfabetização e letramento, levando em consideração o PNAIC.

Delineou-se como objetivos específicos: a) Conhecer as concepções de alfabetização e de letramento que permeiam a prática dos professores sujeitos da pesquisa; b) Identificar práticas de alfabetização e letramento desenvolvidas na referida escola; c) Apontar possibilidade de avanço no processo de alfabetização e letramento levando em consideração o PNAIC.

Sugiro-lhe que o (a) Senhor (a) leia atentamente este trecho de consentimento, em toda sua íntegra, antes de tomar qualquer decisão a respeito da sua participação voluntária na pesquisa.

O (a) Senhor (a) poderá recusar a participação no estudo, ou pode conceder a participação, sem precisar justificar, e caso desejar se desligar da pesquisa, tal fato não terá prejuízo para o (a) Senhor (a).

A privacidade será preservada, então seu nome ou qualquer outro dado, ou elemento que possa de qualquer modo identifica-lo (a), será mantido em sigilo. Caso

o senhor (a) se sinta a vontade em participar da pesquisa, informamos que duas vias deste termo de consentimento livre e esclarecido serão assinados, na página final, pelo senhor (a) e pela pesquisadora responsável pela pesquisa, Ma. Maria Cristina de Jesus Sampaio, orientadora, e pela acadêmica pesquisadora, Tanise Costa Cerqueira de Alcântara, contendo rubricas dos mesmos em todas as folhas do referido termo.

Muritiba –Bahia, 01/ 04/2018

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

Contato com o pesquisador: tanise55@hotmail.com Telefone para contato (75) 981292243.